

O sujeito pronominal em contexto de mudança paramétrica: a escrita de alunos do Ensino Médio

Angela Marina Bravin dos **SANTOS**
Faculdade Machado de Assis - Rio de Janeiro

Palavras-chave: pronome sujeito, mudança, fala, escrita.

Resumo: As pesquisas variacionistas mostram que o português **falado** do Brasil passa por uma mudança no que se refere à representação do sujeito pronominal referencial, com preferência pelo sujeito expresso em detrimento do nulo em todas as pessoas gramaticais, o que indica uma mudança paramétrica em progresso, de língua de sujeito nulo para língua de sujeito pleno obrigatório. A fim de verificar se a mudança observada na fala já começa a se implementar na escrita dos estudantes, o presente trabalho investiga a realização do pronome sujeito de referência definida e arbitrária em diferentes tipos de textos de alunos do Ensino Médio de uma escola pública do Rio de Janeiro. Os resultados mostram que a escrita ainda se mantém conservadora em relação ao uso do sujeito pronominal pleno, uma vez que a preferência no *corpus* examinado recai sobre o sujeito nulo, particularmente com as formas verbais distintas. Entretanto, o índice geral de preenchimento (42%) é relevante em se tratando de uma língua considerada *pro-drop*, o que, em parte, confirma nossas hipóteses.

Abstract: Variationist researches show that spoken Brazilian Portuguese undergoes a change regarding the representation of referential pronominal subjects with preference for expressed subjects rather than null ones in every grammatical person, which suggests a parametric change in progress, from a null subject language to a non null subject language. In order to examine the possible implementation of the change in the written language, the present work investigates the representation of definite and arbitrary pronominal subjects in different types of texts produced by high school students from a public school in Rio de Janeiro. The results attest the conservative character of writing, since the preference is the null subject. However, the general rates of null subjects (42%) is relevant when one takes into account the fact that Portuguese is considered a *pro-drop* language, which confirms, in part, our hypothesis.

Resumen: Las investigaciones sobre variación lingüística muestran que el portugués **hablado** de Brasil pasa por un cambio en lo referente a la representación del sujeto pronominal referencial, con preferencia por el sujeto expresado en detracción del nulo en todas las personas gramaticales, lo que indica un cambio paramétrico en marcha, de lengua de sujeto nulo para lengua de sujeto pleno obligatorio. A fin de verificar si el cambio observado en el habla ya comienza a implementarse en la escritura de los estudiantes, el presente trabajo investiga la realización del pronombre sujeto de referencia definida y arbitraria en diferentes tipos de textos de alumnos de Enseñanza Media de una escuela pública de Rio de Janeiro. Los resultados revelan que la escritura todavía se mantiene conservadora con respecto al uso del sujeto pronominal pleno, una vez que la preferencia en el *corpus* examinado recae sobre el sujeto nulo, particularmente con las formas verbales distintivas. Sin embargo, el índice general de rellenado (el 42%) es relevante porque se trata de una lengua considerada *pro-drop*, lo que, en parte, confirma nuestras hipótesis.

Introdução

Estudos sociolingüísticos associados ao modelo gerativista de Princípios e Parâmetros têm mostrado que o português do Brasil passa por uma mudança no que se refere à representação do sujeito pronominal de referência definida (sujeitos pessoais), com preferência pelo sujeito expresso em detrimento do nulo (cf. DUARTE, 1993, 1995). Tal fato, que caracterizaria uma mudança paramétrica em curso (de língua de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e o português europeu, para língua que não admite sujeito nulo, como o francês (tem sido associado à simplificação no paradigma verbal, especialmente do português brasileiro falado no Sudeste).

O que caracteriza uma língua de sujeito nulo do grupo românico é justamente a possibilidade de recuperação do sujeito por meio das flexões verbais. Ora, se no português brasileiro falado se observa a simplificação do paradigma, é natural a tendência ao preenchimento do lugar do sujeito, uma vez que a identificação de uma posição vazia se tornará mais difícil. Pesquisas referentes à fala (LIRA, 1982,1988; DUARTE, 1995) comprovam tal hipótese

ao indicar que o sujeito preenchido por um pronome pleno vem sendo preferido ao nulo em todas as pessoas gramaticais. Em relação à língua escrita, embora seja menor o número de pesquisas disponíveis, temos o trabalho de Paredes (1988) com base em cartas pessoais, que revela um comportamento diferente para cada pessoa gramatical, com apenas a 2ª pessoa favorecendo o preenchimento.

Os resultados dos trabalhos citados (pontos de partida desta pesquisa) deixam clara a primazia do sujeito pronominal pleno na língua falada. Podemos, assim, pressupor que o português brasileiro falado esteja caminhando em direção à marcação negativa do parâmetro do sujeito nulo. A questão que este trabalho se propõe diz respeito ao comportamento do sujeito pronominal em textos escritos por indivíduos que ainda se encontram sob a orientação de um professor. Esta pesquisa teve, pois, como objetivo principal verificar como se realiza o sujeito pronominal de referência definida em diferentes tipos de textos (narrativo, descritivo, dissertativo e epistolar) escritos por alunos do Ensino Médio.

Procuramos buscar evidências que confirmassem ou não a tendência ao preenchimento do sujeito na escrita, identificando os contextos que favorecem ou inibem o uso do sujeito pleno nos textos escolares. Levantamos a hipótese de que como o uso do sujeito pronominal pleno não é estigmatizado e já se encontra bastante implementado na fala, provavelmente apareceria com relativa frequência em contextos não previstos pela norma, por influência da mudança em progresso na língua oral. Assim, as ocorrências de sujeitos plenos nas redações poderiam confirmar a implementação da mudança em direção ao preenchimento do lugar sintático do sujeito no português brasileiro.

Investigamos o fenômeno com base nos princípios teóricos da Sociolinguística Paramétrica, linha de pesquisa que associa o modelo teórico da Sociolinguística laboviana e da Teoria de Princípios Parâmetros, de base gerativista.

1.A Sociolingüística Paramétrica

A Teoria de Princípios e Parâmetros concebe a Gramática Universal (UG) como um conjunto de princípios rígidos e invariáveis “que qualquer gramática final terá de incorporar” (Raposo, 1992, p.54). Ao lado dos princípios rígidos, há um sistema de princípios abertos - os parâmetros - que vão se definindo ao longo do processo de aquisição da linguagem e acabam por determinar as particularidades de cada língua. Dentre os parâmetros postulados, destaca-se o do sujeito nulo. Uma língua é marcada positivamente em relação a esse parâmetro quando admite, entre outras propriedades (cf. RAPOSO, 1992), sujeitos pessoais foneticamente nulos, o que é possível graças à força da flexão verbal, elemento capaz de licenciar e identificar a posição vazia quer em orações pessoais, quer em impessoais.

Considerando os resultados dos trabalhos analisados, pode-se afirmar que as crianças brasileiras, ao contrário das portuguesas, recebem como input pronomes sujeitos plenos, o que as leva a fixar tal parâmetro negativamente, acarretando, em consequência, uma mudança paramétrica no português do Brasil.

Como captar essa mudança e outras decorrentes dela é a questão que Tarallo tentou resolver ao iniciar com Kato (1999) um programa de pesquisa que associa os pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros aos da Sociolingüística Variacionista de base laboviana, teoria lingüística que, além de se preocupar com a língua em uso, focaliza como objeto de estudo a variação lingüística.

À noção de variação subjazem a de variante, variável e mudança lingüística. A primeira é concebida como as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 1985, p. 8). A variável lingüística consiste no conjunto das variantes que podem coexistir no sistema por um determinado período de tempo. Quando uma das variantes desaparece ou é substituída por outra

ocorre o fenômeno da mudança lingüística que, pressupõe-se, é acompanhado por um período de variação entre as formas em competição.

O reconhecimento da coexistência de determinadas variantes ou de uma mudança em progresso na língua não se dá tão facilmente. Há uma série de procedimentos metodológicos necessários para comprovar esse fenômeno, dentre os quais se encontram o tratamento quantitativo e estatístico dos dados e a análise dos possíveis fatores capazes de influenciar o uso de uma variante.

A Sociolingüística Paramétrica lança mão justamente das propriedades dos parâmetros e da quantificação dos dados, efetuada através de programas matemáticos, para a análise de formas variantes em competição, buscando captar uma possível mudança paramétrica e identificando os caminhos que ela percorre, isto é, os diferentes contextos lingüísticos e sociais que mais prontamente cedem à nova forma.

2. Constituição do corpus

Foi constituído um corpus com redações produzidas por estudantes da segunda série do Ensino Médio de uma escola pública localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A amostra constituiu-se de textos narrativo, descritivo, argumentativo/dissertativo e epistolar.

3. Seleção dos dados

Constituíram a amostra as ocorrências de sujeitos pronominais em orações com formas verbais finitas, dentre as quais, por se tratar de casos categóricos de sujeitos plenos, foram excluídas as que apresentaram sujeito focalizado, sujeito modificado por pronomes, numerais, etc. Igualmente excluídas foram as orações

coordenadas não iniciais com sujeito correferente, contexto favorável ao sujeito nulo também em línguas não pro-drop:

(1) ...ele demorou, [mas o acabou conseguindo sair dessa vida.]
(Narração)

A tabela a seguir exibe a distribuição geral das ocorrências de sujeito pronominal por tipo de texto:

Tabela 1 - Distribuição geral das ocorrências por tipo de texto

Tipo de texto	Narração	Carta	Dissertação	Descrição	Total
Ref. Definida	750	657	258	239	1904
Ref. Arbitrária	2	31	108	12	153

Em relação às pessoas gramaticais, podemos ver o total de dados no quadro abaixo:

Tabela 2 - Distribuição geral das ocorrências por pessoa gramatical

Pes. Gram.	1ª p.sing.	2ª p.sing.	3ª p.sing.	1ª p.pl.	3ª p.pl.	Total
Ref. Definida	825	120	669	165	125	1904

4. Tratamento dos dados

A análise seguiu os passos da pesquisa Sociolinguística Variacionista. Os dados coletados foram codificados e submetidos

aos programas da série VARBRUL, por meio dos quais quantificamos as ocorrências, estabelecemos os valores percentuais e os pesos relativos dos fatores para a realização da variável.

5. Grupos de fatores

A variável dependente – pronome pleno/pronome nulo – foi examinada em relação a grupos de fatores ligados a traços morfológicos, sintáticos, semânticos e grupos relacionados à referência e aos tipos de texto.

6. Resultados

Computadas as ocorrências de sujeito pronominal, obtivemos um total de 2057 casos, dos quais 1904 possuem referência definida. Desses, 792 apresentam sujeitos pronominais expressos, o equivalente a 42%, e 1112 (58%), nulos.

6.1 Grupos selecionados

Seguem, por ordem de seleção pelo programa de regra variável (input .40), a apresentação dos grupos de fatores selecionados e a análise dos resultados obtidos.

6.2 Condições estruturais de referência

Considerou-se neste grupo a relação estrutural de um sujeito pronominal, vazio ou pleno, e seu referente. No trabalho de Lira (1988), a mudança de referência condicional, na fala, a presença do pronome, um procedimento típico de línguas de sujeito nulo. Duarte (1995), por outro lado, encontrou percentuais que evidenciam a opção pelo preenchimento mesmo em estruturas subordinadas com manutenção do referente, o que sugere

mudança na marcação do parâmetro. Diante disso, esse fator foi incluído para verificar sua influência na realização plena ou vazia do sujeito pronominal de referência definida nos textos analisados; entretanto, ao contrário do procedimento das autoras, nesta pesquisa não se focalizou apenas o fenômeno da mudança ou identidade de referência.

Toma-se aqui um critério que, além de separar estruturas não subordinadas das subordinadas, considera os diferentes níveis da hierarquia sintática capazes de levar à ocorrência de sujeito nulo ou de sujeito preenchido. Assim, o que importa é verificar se o referente é sintaticamente acessível, o que não implica necessariamente ser o mesmo da oração imediatamente anterior conforme se verá a seguir. Desse modo, para proceder-se à análise dessa variável, foram considerados os seguintes fatores :

(1) Construções com referente esperado (sintaticamente acessível)

a) O sujeito está num contexto inicial e seu referente na seqüência anterior numa oração do mesmo nível sintático

(2) Eu_i estou com muita saudade de você. [o_i Preciso conversar.] (Carta)

ou em contextos com manutenção do referente em subordinadas coordenadas entre si:

(3) ...eu_i pude perceber o que eu_i queria [e o que eu_i estava pensando]. (Narração)

b) Manutenção do referente no segundo membro de estruturas subordinadas:

(4) ...o_i não tenho aquela coragem [que o_i tinha] [quando eu_i era mais novo].(Carta)

c) Manutenção do referente em estruturas com uma oração interveniente que não apresenta um possível candidato a sujeito

1) seja uma oração subordinada:

(5) João era um menino muito problemático. Ele não sabia se a vida era para ser vivida ou pensada. [Ele pensava...] (Descrição)

2) seja uma oração intercalada ou independente:

(6) Fui para casa. Alguns anos se PASSARAM [E ATÉ Hoje o não pude entender aquela conversa.] (Narração)

2- Construções com referente não esperado (sintaticamente não acessíveis)

a) O referente aparece no contexto anterior e desempenha outra função sintática:

(7) Ela começou a falar comigo [e eu fiquei escutando atentamente...] (Narração)

b) Entre o sujeito e seu referente há uma oração interveniente que apresenta um possível candidato a sujeito:

(8) No colégio, freqüentemente, o era chamado a atenção por parecer estar em transe. A professora falaVA [E ele parecia estar longe.] (Descrição)

ou o referente do sujeito encontra-se em uma subordinada e, portanto, num nível sintático diferente:

(9) ...ela me perguntou se eu era virgem. [Eu pensei bem] e o disse.... (Narração)

ou ainda se há mudança de referência em estruturas subordinadas:

(10) ...o Aproveito essa chance [que vocês estão dando]...(Carta/jornal)

c) Introdução do referente de 1ª e 2ª pessoas:

(11) Era noite. [Eu estava sentada em um banco da praça.]
(Narração)

(12) [Você tem razão ao dizer] que omiti algumas coisas...(Carta)

ou retomada de um referente:

(13) ...Ela o chamou, perguntando o que estava havendo com ele.
Aí ele explicou...[Ela disse para o João...] (Narração)

Os pesos relativos mais altos referem-se a estruturas com referente em outra função sintática (.68), exemplo (7), ou em estruturas que apresentam um elemento interveniente, ou o referente está em uma subordinada ou, ainda, se há mudança de referência em estruturas subordinadas (.59), conforme ilustradas em (8), (9) e (10), respectivamente. Seguem com .56 as estruturas com introdução do referente de 1ª e 2ª pessoas, ilustradas em (11) e (12), e com a retomada de um referente, conforme visto em (13).

Tais resultados mostram um comportamento coerente com línguas de sujeito nulo, pois, quando o referente não é acessível, a tendência é o preenchimento do sujeito.

Quanto às construções com referente acessível (1a,1b,1c), aparecem com .46 os contextos com manutenção de referente em estruturas simples(1a). Seja os iniciais em que o referente se encontra na seqüência anterior, exemplo (2), seja as orações subordinadas coordenadas entre si, exemplificadas em (3). Seguem,

com .43, os contextos com manutenção do referente em estruturas com uma oração interveniente, subordinada ou independente, que não apresenta um possível candidato a sujeito, como em (5) . Finalizando a seqüência dos fatores, aparecem, com .28, as construções subordinadas com sujeito correferente, conforme exemplificadas em 4.

Das estruturas com referente acessível, a que se mostrou menos favorável ao preenchimento do sujeito é justamente aquela em que há correferência em construções subordinadas (1b). Estamos diante de um dos contextos mais resistentes ao sujeito pronominal pleno nos textos escritos. É preciso observar, porém, que os pesos para a manutenção do referente em estruturas simples(1a) e subordinadas com uma oração interveniente que não apresenta um possível candidato a sujeito(1c) estão bem próximos de .50, o que já sugere não ser o apagamento do pronome uma estratégia usual numa língua de sujeito nulo.

6.3 Flexão verbal

A possibilidade de omissão do sujeito pronominal no português é atribuída, tradicionalmente, à riqueza do sistema de flexões verbais. Se considerarmos, entretanto, o fato de que, na língua falada, o pronome nós está desaparecendo da fala das pessoas mais jovens(cf. Duarte,1995), veremos que as desinências exclusivas se limitam à primeira pessoa do singular. Isso nos deixa com um paradigma flexional em que uma mesma forma designa duas ou três pessoas gramaticais, o que sugere a perda da força da flexão. Para a análise dessa variável, as flexões foram divididas em quatro grupos:

a) -o, -i (representantes da 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo, além do futuro do presente);

b) -mos (representante da 1ª pessoa do plural);

c) - m (representante da 2ª e 3ª pessoas do plural);

d) -zero (representante da 2ª e 3ª pessoas do singular e da 1ª pessoa do plural, quando o verbo se relaciona à expressão pronominal a gente. Representa ainda a 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito, do futuro do pretérito, de alguns verbos irregulares do indicativo e dos tempos do subjuntivo, ou seja, uma mesma forma para representar três ou quatro pessoas gramaticais).

Os resultados mostram como favorecedores do preenchimento do sujeito os morfemas zero (.63) e a desinência -m que serve para representar duas pessoas gramaticais (.62). A julgar por esses números, podemos supor que na escrita dos alunos esteja atuando um mecanismo de compensação que desfaz o risco de ambigüidade. Seguem com .39 e com .31 as flexões verbais exclusivas representantes da 1ª pessoa do plural e da 1ª pessoa do singular, respectivamente. Podemos observar, assim, que a flexão distintiva ainda inibe o preenchimento do sujeito.

6.4 Tipo de texto

A narração é o contexto que favorece o preenchimento, com .58. Os demais indicam o contrário: descrição (.46), cartas (.45), dissertação (.44). A fim de buscarmos respostas para esse aumento no uso dos sujeitos pronominais plenos na narração, cruzamos os grupos tipo de texto e pessoa gramatical. Talvez uma das possíveis explicações possa estar relacionada à presença de sujeitos de 3ª pessoa.

A leitura dos resultados revela que, como esperávamos, na 3ª. pessoa do singular, a narração, além de apresentar um número maior de dados, obteve índice significativo de preenchimento (63%); o mesmo ocorre com as cartas (65%), percentuais bem

distantes dos 32% verificados na descrição. Esse resultado, além de mostrar a importância da desinência zero no preenchimento do sujeito, pode sugerir que a narração e as cartas sejam um tipo de texto menos formal.

6.5 Grau de conexão do discurso

Nas cartas analisadas por Paredes (1988), a variável grau de conexão do discurso apresentou-se como importante condicionamento à realização do sujeito. A utilização dessa variável é, portanto, relevante para esta pesquisa. Mantiveram-se na análise os seis graus postulados pela autora:

Grau 1 - manutenção do mesmo referente como sujeito da oração, além do mesmo tempo e modo verbal:

(14) o Tenho muito medo de viver uma vida [em que oi vivo] e a outra [em que o penso.] (Descrição)

Grau 2 - mantém-se o mesmo referente como sujeito da oração, mas há mudança no tempo ou modo verbal:

(15) A senhora perguntou-me[se eu já havia saído com uma mulher mais velha.][Eu disse que não.] (Narração)

Grau 3 - o discurso é interrompido por orações de curta extensão sem um candidato a sujeito, exemplo (16), ou há alternância entre 1ª e 2ª pessoas, exemplo (17):

(16) Sabe, amigo, o me lembro bastante de nossa juventude. Foi muito legal e [eu continuo com aquela coragem.](Carta)

(17) ...com certeza você continua sendo o meu confidente.[o Acho] [que você sabe mais sobre mim] do que eu mesma. (Carta)

Grau 4 - o referente encontra-se em outra função sintática:

(18) Te peço encarecidamente [que você não faça nada por mim.]
(Carta)ⁱ

Grau 5 - entre o sujeito e sua última menção ocorre outro participante na função de sujeito que interfere na continuidade do discurso:

(19) No colégio, freqüentemente, o era chamado a atenção por parecer estar em transe. A PROFESSORA FALAVA E [ELE PARECIA estar longe.] (Descrição)ⁱ

Grau 6 - há mudança de tópico discursivo, havendo ou não manutenção do referente:

(20) Olá, há quanto tempo nós não nos vemos, (estou com saudades.[Sobre aquele trecho de sua carta, eu refleti muito.] (Carta)ⁱ

Além dos graus propostos por Paredes da Silva, foram incluídos dois fatores neste grupo:

a) 1ª menção do referente no texto (de 1ª e 2ª pessoas):

(21) Eu estava passando pela rua cabisbaixo por ter brigado com a pessoa de quem mais gosto...(Narração)

b) retomada do referente mencionado da 3ª oração precedente para trás:

(22) Era noite, quando um jovem de 17 anos conheceu uma mulher de 30. Após muita conversa, ela queria marcar um encontro com ele, mas ele não sabia se aceitava, porque ele tinha vergonha. Ele tinha vergonha porque não tinha experiência, mas ele aceitou. [Ela marcou um encontro.] (Narração)ⁱ

234 Os dois contextos mais favoráveis ao preenchimento do
SIGNUM: *Estudo Ling. Aplicada*, n. 4, p. 221-240, dez. 2009

sujeito são aqueles em que há retomada de um referente distante (.65) e aqueles em que, entre um sujeito e sua última menção, ocorre outro elemento na função de sujeito, representando um possível interferente- grau 5 (.60), conforme exemplificados em (22) e (19), respectivamente. Os casos que apresentam mudança de tópico discursivo - grau 6 - aparecem a seguir com .56, exemplo (20). No grau 3, contexto em que há interrupção do discurso por orações impessoais de curta extensão, exemplo (16), ou alternância entre a 1ª e a 2ª pessoas, exemplo (17), o peso relativo cai para .53. Em seguida, com .51, aparecem as estruturas em que o referente se encontra em outra função sintática (grau 4), conforme visto em (18), e, com .50, os casos de 1ª. menção, exemplo (21).

Note-se que, em tais contextos, os pesos relativos se encontram acima de 50, o que evidencia a importância de fatores discursivos para o preenchimento do sujeito.

Para os graus 1 e 2 observou-se um comportamento semelhante ao constatado por Paredes Silva nas cartas pessoais. Aqui também os pesos relativos mais baixos aparecem nos contextos em que a conexão do discurso é estreita, ou seja, quando há manutenção do referente, mas ocorre mudança no tempo e modo verbais- grau 2 (.41), conforme exemplificados em (15) e quando referente, tempo e modo verbais são mantidos – grau 1 (.38), exemplo (14). Em relação a esses últimos graus, acredita-se que seria encontrada uma taxa de sujeitos nulos ainda mais baixa se tivéssemos computado os sujeitos das segundas coordenadas com correferência, que se classificam nos graus 1 e 2.

6.6 Elementos intervenientes entre sujeito e verbo

Verificamos a influência da presença ou ausência de elementos entre o sujeito e a flexão (uma categoria a que a teoria gerativa se refere como IP-sintagma flexional). Os prováveis elementos intervenientes foram distribuídos em cinco tipos:

1) partícula de negação:

(23) Às vezes acho[que meus sentimentos eu não sinto.] (Descrição)

2) advérbios aspectuais (já, sempre, nunca, ainda...):

(24) Quem sabe ela nunca tenha se interessado por mim? (Narração)

3) clíticos:

(25) Avalie comigo a verdadeira situação [em que (me encontro).] (Carta)

4) adjuntos adverbiais que podem se antepor e se pospor ao sujeito, circunstância em que o sujeito será sempre pleno:

(26) ...e você, com toda sua coragem, mostrou-me como eu era importante.(Carta)

5) nenhum elemento:

(27) o —Tenho muitas fantasias. (Descrição)

Talvez o fato de os elementos arrolados em (1), (2) e (3) acima ocuparem uma posição estrutural bem próxima ao sujeito contribua para a realização zero do pronome (provavelmente um condicionamento prosódico), o que revelaria um contexto de resistência ao preenchimento. Vejamos os resultados.

Nossa hipótese não se confirma: o contexto em que aparece um clítico é favorável ao preenchimento (.53). A presença desse elemento mostrou-se, pois, mais significativa do que esperávamos. Contrariando as expectativas, as sentenças em que não há nenhum elemento entre sujeito e verbo aparecem com .50 de peso relativo. Se, por um lado, o uso do clítico favorece o preenchimento, por

outro, não podemos dizer o mesmo da negação (.46) e de advérbios como já, ainda, só, nunca e sempre (.39). Parece que nesses casos, principalmente nas sentenças com os advérbios citados, os resultados confirmam, parcialmente, a hipótese do condicionamento prosódico.

6.7 Pessoa e número gramatical

A 2ª pessoa do singular revelou-se mais significativa (.69). Tal resultado confirma a hipótese levantada por Duarte (1995) de que a 2ª pessoa é um dos contextos mais propícios ao preenchimento do sujeito. A seguir, aparecem a 1ª e a 3ª pessoas do singular, com .51 e .50 de peso relativo, respectivamente, o que sugere certa neutralidade em relação ao preenchimento do sujeito nesses contextos. Nas demais pessoas, porém, os pesos encontram-se abaixo de .50: 3ª pessoa do plural (.45) e 1ª pessoa do plural (.37). Note-se, pela diferença entre os pesos relativos, que essa última mostrou ser a mais forte restrição ao uso da expressão plena do pronome.

Considerando que a pessoa e o número gramatical estão intimamente ligados às flexões, procedeu-se ao cruzamento desses dois grupos. Assim, verificou-se que a escrita mantém (ou recupera) o sujeito nulo por meio das flexões. Os mais baixos índices de sujeitos pronominais plenos aparecem nas pessoas gramaticais que apresentam desinências exclusivas. Trata-se da 1ª pessoa do plural com flexão -mos (23%) e da 1ª do singular com desinência -o (-i) (23%). Sem dúvida, ainda está vigente na escrita um sistema em que os morfemas verbais distintivos são relevantes e importantes para a recuperação do sujeito vazio, constituindo-se, desse modo, um contexto altamente inibidor do sujeito pronominal pleno.

Quanto à desinência -m, comum a duas pessoas -3ª e 2ª -do plural (mas designando apenas a 3ª do plural em nosso corpus), obtivemos 42% de sujeitos pronominais plenos, o que mostra a relação entre flexão e sujeito nulo.

Em relação às formas verbais com desinência zero, houve 1 ocorrência do pronome a gente, expressão que se combina com verbos na 3ª pessoa do singular. A escassez de dados revela a rejeição a essa forma pronominal na escrita dos alunos, que privilegiam a representação da 1ª pessoa do plural pelo pronome nós, o que indica o caráter conservador da escrita. A seguir, temos a desinência referente à 2ª pessoa do singular com 70% de preenchimento, índice que reafirma a implementação da mudança em direção ao preenchimento. A 3ª e a 1ª pessoas do singular apresentam percentuais semelhantes (53% 52%, respectivamente).

Conclusão

Os resultados da análise, contrariando nossas expectativas, revelam que nos textos examinados a opção pelo sujeito vazio é a preferida, particularmente com as formas verbais distintas, o que mostra ser a escrita ainda conservadora no tocante ao uso do sujeito pronominal pleno. É bem verdade, porém, que o índice geral de preenchimento (42%) é relevante, sugerindo, pois, o início da implementação da mudança verificada na língua oral, ainda que muito lentamente. Sugere, ainda, que estamos caminhando em direção à marcação negativa em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

Se estivéssemos de fato diante de uma língua pro-drop, certamente, obteríamos percentual mais baixo. Isso nos leva a concluir que, graças aos altos percentuais da expressão plena do pronome na fala, nossos alunos estão cada vez menos expostos a estruturas com sujeitos nulos, que, lentamente, com o passar do tempo, podem se revestir de formalidade e provocar “uma ruptura entre o que a criança lê e o que ela entende”, como lembra Kato (1994, p. 234).

Referências Bibliográficas

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas : Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.

_____. *A Perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

KATO, Mary A. Português brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança. In: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (Org.) *Congresso Internacional sobre o português: actas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1994. p. 209-237.

_____. Os Frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intralingüística. In: HOR, D. da Z.; CHRISTIANO, E. (Org.) *Estudos Linguísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.

LIRA, Solange de Azambuja. *Nominal, pronominal and zero subject in Brazilian Portuguese*. 1982. Thesis (Ph.D. in Linguistic) – Graduate School of Arts and Sciences, University of Pennsylvania, 1982.

_____. O Sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*, v. 20, p. 31-43, 1982.

PAREDES, Vera L.S. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. 1988. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

RAPOSO, Eduardo P. *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa : Editorial Caminho, 1992.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.